

## TEXTUAL NOTE

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDIÇÃO DAS *BEMERKUNGEN ÜBER DIE FARBEN*

JOÃO CARLOS SALLES PIRES DA SILVA\*

*Departamento de Filosofia,  
Universidade Federal da Bahia,  
SALVADOR, BA,  
BRAZIL*

A Fernando Rego

O cotejo da edição das *Bemerkungen über die Farben* de Wittgenstein com as fotocópias dos manuscritos 176, 172 e 173 levou-nos a constatar na edição da Profa. Anscombe uma ausência danosa de parágrafos e variantes, uma datação equivocada e uma ordenação errônea dos parágrafos do MS 172, que lhe compromete o sentido e valor. Apresentamos pois os fundamentos de nossa crítica, que decerto acarreta conseqüências filosóficas, como uma ligação mais nítida entre a investigação da lógica dos conceitos de cor e a da gramática das expressões 'ver' e 'ver como', além de favorecer a clareza do projeto de investigação de problemas fenomenológicos (sem uma fenomenologia), próprio do MS 172.

1. A crítica textual não se confunde com a crítica filosófica, embora possa e deva favorecê-la, sendo óbvio que a leitura de um texto sempre se condiciona por seu prévio estabelecimento. Este é o caso de um conjunto de manuscritos de Wittgenstein, editado em

---

\* Agradeço ao parecerista anônimo cujas sugestões contribuíram para a clareza e a concisão deste artigo.

1977 como *Bemerkungen über die Farben*. Não tendo sido corretamente suficientemente estabelecida essa obra, sua leitura filosófica depende ainda de algumas luzes lançadas às condições de redação e às fontes manuscritas, não devendo fundamentar-se no texto editado pela Profa. G. E. M. Anscombe, mas sim no conjunto mesmo dos manuscritos, pelo menos como editados em fotocópias pela Cornell University. Apresentamos, pois, em seguida, as razões que apontam para o necessário restabelecimento do texto das *Bemerkungen über die Farben* e mesmo dele resultam, podendo sua indicação beneficiar doravante os trabalhos sobre a lógica dos conceitos de cor na obra de Wittgenstein.<sup>1</sup>

2. Em primeiro lugar, é comprometedora na edição de Anscombe a ausência de centenas de variantes, porque não foram eliminadas por Wittgenstein ao compor os parágrafos. Tomemos o exemplo de um único parágrafo. Não o mais intrincado ou o mais prejudicado pela ausência de variantes, mas porque terá lugar privilegiado em nosso argumento sobre a reordenação da segunda parte das anotações sobre as cores. Anscombe apresenta-nos como sendo o texto original do primeiro parágrafo dessa parte o seguinte: “Man könnte von dem Farbeindruck einer Fläche reden, womit nicht die Farbe gemeint wäre, sondern das Zusammen der

---

<sup>1</sup> Acerca da ordenação que ora propomos e da parca verossimilhança de sua datação dos manuscritos, escrevemos à Profa. Anscombe (carta postada em 30 de outubro de 1995) sem termos obtido até hoje qualquer resposta. Naquele momento, estávamos ainda traduzindo o texto. Hoje, já o temos restabelecido e traduzido por completo, com as variantes e parágrafos omitidos pela edição de Anscombe, com outra ordenação para a segunda parte e mesmo com o acréscimo de uma quarta parte, da qual então ainda não nos tínhamos dado conta e cuja inclusão tornou-se possível e verossímil por nossa datação e pela atenção a certos sinais, com os quais Wittgenstein apunha comentários a seus parágrafos ou blocos de parágrafos.

Farbtöne, das den Eindruck einer braunen Fläche (z.B.) ergibt.” Nem ao menos se menciona que, no texto original, Wittgenstein deixa lado a lado, sem se decidir por uma delas, duas variantes, tendo inclusive se servido de barras (//) para separá-las: “Man könnte von dem Farbeindruck einer Fläche reden, womit nicht die Farbe gemeint wäre, sondern die Farbtöne und ihre Verteilung, wenn sich z.B. der Eindruck einer braunen Fläche ergeben soll. //, sondern das Zusammen der Farbtöne, das den Eindruck einer braunen Fläche (z.B.) ergibt.//”<sup>2</sup> Esse é apenas um exemplo entre centenas.

Não cabe ao editor fazer tais e tantas escolhas, fazer valer sua leitura como critério, obrigando o autor a dar um passo em direção que talvez não fosse a sua e reduzindo o campo de trabalho do eventual intérprete. Cabe apenas registrar que as variantes supressas não importam apenas em decisões estilísticas, mesmo quando por vezes também está em jogo o ritmo da frase. Entre as conseqüências da intromissão editorial em questões não decididas pelo autor, está o esmaecimento dos laços entre as anotações sobre as cores e as sobre a filosofia da psicologia, uma vez que muitas variações “estilísticas” se referem a indecisões plenas de sentido, como a escolha entre dizer que uma peça de um quebra-cabeça “se torna um pedaço de céu azul, uma sombra, um brilho, transparente ou não-transparente, etc.” e dizer que “nós a vemos como um pedaço de céu azul, como uma sombra, um brilho, co-

---

<sup>2</sup> “Poder-se-ia falar da impressão de cor de uma superfície, visando-se com isso não a cor, mas sim os tons de cor e sua distribuição, quando se deve produzir, por exemplo, a impressão de uma superfície marrom. //, mas sim o conjunto dos tons de cor que produz a impressão de uma superfície marrom, por exemplo.//” (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol 79).

mo transparente ou não-transparente, etc.” — com o que se apaga uma hesitação deveras interior ao trabalho conceitual.<sup>3</sup>

Também a supressão de parágrafos, conquanto pareça decorrer de algum critério, não é sistemática nem tem a contrapartida da inclusão de blocos afins de manuscritos redigidos nesse período, mesmo havendo consoante sinalização de Wittgenstein. Merece realmente destaque, neste sentido, o conjunto de oito parágrafos do MS 169, que reproduziremos adiante,<sup>4</sup> mas podemos também referir-nos a dois dos 73 parágrafos supressos da terceira parte (o MS 173), porque de inequívoco e direto interesse para a lógica dos conceitos de cor: “Ich kann Einem einen Gegenstand zeigen, weil seine *Farbe* auffallend ist und ich *sie* dem Andern vorführen will, aber das setzt schon ein gewisses Spiel zwischen uns voraus.” E “Ja, er mag beim Anblick des Gegenstands / wie staunend stutzen // staunen //, daß er aber ‘über die Farbe staunt’, daß die Farbe der *Grund* des Staunens, und nicht etwa bloß

---

<sup>3</sup> Note-se que esta variante é preservada mesmo na versão mais corrigida da primeira parte, § 60. “Denken wir uns ein Gemälde in kleine, annäherend einfärbige Stücke zerschnitten und diese dann als Steine eines Zusammenlegspiels verwendet. Auch wo ein solcher Stein nicht einfärbig ist, soll er keine räumliche Form andeuten, sondern einfach als flacher Farbfleck erscheinen. Erst im Zusammenhang / mit den andern wird er ein Stück blauen Himmels, ein Schatten, ein Glanz, durchsichtig oder undurchsichtig, etc. // mit den andern sieht man ihn als ein Stück blauen Himmel, als einen Schatten, einen Glanz, als durchsichtig oder undurchsichtig, etc. // – Zeigen uns die einzelnen Steine die *eigentlichen Farben* der Stellen des Bildes?” Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 78.

<sup>4</sup> Poderiam justificar sua exclusão alegando que este manuscrito seria de outro período, mas é preciso para isso procurar apoio nas datas bastante inverossímeis que nos são apresentadas por Anscombe.

die *Ursache seines Erlebnisses* ist, dazu braucht er den Begriff der Farbe, / nicht nur die Augen // nicht nur das Sehen //.”<sup>5</sup>

Enfim, é incorreta a supressão dos sinais de revisão de Wittgenstein, pois ou são parte do texto e não simplesmente um texto de segundo grau e irrelevante (e.g., uma linha ondulada sob uma palavra ou ao lado de um parágrafo denota uma insatisfação de Wittgenstein que pode dar bastante trabalho ao intérprete, bem como a aposição inicial de um ‘S’, que sói figurar por “schlecht”, desautoriza em alguma medida um parágrafo<sup>6</sup> — enquanto uma barra ‘/’ costuma indicar aprovação e mesmo seleção do parágrafo) ou indicam o estágio em que se encontrava a elaboração do texto, pois registram se foi ou não retomado, se serviu ou não a uma elaboração posterior — com isso, podem ser recompostas inter-relações bastante sugestivas, como a que nos levou a suspeitar ser insustentável afirmação de Anscombe de que Wittgenstein teria escrito a parte inicial do MS 176, correspondente à primeira parte das anotações sobre as cores, em casa do Dr. Bevan, em março de 1951, quando sinais de revisão no MS 172 sugerem que Wittgenstein teve em mãos esse manuscrito nesse trabalho, embora o tenha deixado em casa de Anscombe. Uma edição correta, por conseguinte, é também, na medida do possível, uma edição completa, com variantes e demais parágrafos. E, não tendo sido

---

<sup>5</sup> “Eu posso mostrar a alguém um objeto, porque saliente sua *cor*, e quero mostrá-la a outrem, mas isto já pressupõe um certo jogo entre nós.” E: “Sim, ele pode / ficar perplexo de admiração // admirar-se // ao olhar o objeto; mas que ele ‘se admire da cor’, que a cor seja o *fundamento* da admiração, e não quiçá apenas a *causa de sua vivência*, para isso ele precisa do conceito de cor, / não apenas dos olhos // não apenas do ver //.”

<sup>6</sup> Cf., e. g., as observações de Joachim Schulte sobre os sinais empregados nos MSS 130-138, in Schulte, Joachim, *Erlebnis und Ausdruck: Wittgensteins Philosophie der Psychologie*, cap. 1.

publicada pelo autor, não pode deixar de registrar mesmo alguns indícios mínimos do seu trabalho, pois, muita vez, uma ausência é um pequeno deslize sem graves conseqüências, mas tais pequenos erros, à força de sua repetição, causam um dano considerável.

3. Anscombe afirma pois que a primeira parte teria sido composta em março de 1951, em casa do Dr. Bevan, onde Wittgenstein foi viver seus últimos dias. Parece todavia inverossímil que, tendo sido suspensas no final de fevereiro a radioterapia e a terapia hormonal que o impediam de produzir e com tão pouco tempo de vida e tanto por escrever sobre a certeza, Wittgenstein tenha dedicado os primeiros dias de seu retorno ao trabalho à revisão de material já escrito. Em todo caso, se o tivesse feito, teria tido pouquíssimo tempo. As anotações sobre cores no caderno em que se encontra o MS 176 não têm qualquer data. Na mesma página em que se encerram, iniciam-se as anotações sobre a certeza, com a data de 21 de março de 1951. Provavelmente por isso, Anscombe julgou que as anotações sobre cores teriam sido escritas até essa data e, logo, em março de 1951.<sup>7</sup> Entretanto, desde o dia 10 de março temos anotações datadas quase diárias sobre a certeza, que começaram sim em outro caderno (MS 175) e só continuam no dia 21 de março no caderno (MS 176), em que se encontram anotações sobre cores, simplesmente porque o caderno anterior acabou. Wittgenstein apenas passou a se servir de um caderno já usado e que dispunha de muitas páginas em branco, repetindo então na folha 22 do MS 176 a mesma data que encontramos na última anotação do manuscrito 175.

---

<sup>7</sup> O próprio von Wright não parece convencido disso, pois anota o seguinte acerca do manuscrito 176: "Caderno. 1950; 21 de março - 24 de abril de 1951. 160 páginas" (Von Wright, Georg Henrik, *Wittgenstein*, p. 56).

Há ainda o já referido indício fornecido pelos traços verticais na parte II, deixada na residência de Anscombe, que apontam para um trabalho de revisão com vistas à composição da parte I. Mais ainda, não deixa de ser bastante estranho não haver qualquer data nas primeiras 22 folhas do manuscrito 176, que correspondem à parte I das anotações sobre as cores, pois neste período cada anotação sobre a certeza está datada (MS 175, MS 176 a partir da folha 22 e MS 177), como a indicar a importância de cada dia de trabalho em face à proximidade da morte. Finalmente, se forem confiáveis as datas apresentadas por Ray Monk em sua biografia de Wittgenstein, ao contrário do afirmado no prefácio de Anscombe, a parte III não teria sido composta em Oxford, mas sim em Londres e em Cambridge. Não teria sido a parte I aquela que Anscombe acredita ter sido composta em Oxford, em sua residência?

Essas questões sobre a data de composição dos manuscritos são significativas sim, pois: (i) indicam a continuidade de um trabalho sobre as cores e mesmo a prioridade que lhe foi concedida em relação às reflexões sobre a certeza, pois, tendo em conta que ambos os temas se apresentam contíguos no MS 172 (*Bemerkungen über die Farben II e Über Gewißheit*, §§ 1-65), redigido em janeiro ou fevereiro de 1950, Wittgenstein se dedicou primeiro e com relativo fechamento às cores; e (ii) nos permitem localizar um período de produção sobre o tema no qual pode ser incluída parte do MS 169. Trata-se de um bloco de oito parágrafos do MS 169, já editado com os manuscritos 170, 171, 173, 174 e 176 por G.H. von Wright e Heikki Nyman.<sup>8</sup> Entretanto, os editores também falharam ao não preservar os sinais de revisão de Wittgenstein. Por is-

---

<sup>8</sup> Wittgenstein, Ludwig, *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie* (1949-1951): *Das Innere und das Äußere*.

so, só recorrendo às fotocópias dos manuscritos podemos ver esse conjunto subordinado ao mesmo sinal de que se serve Wittgenstein no MS 173 para separar anotações não pertinentes ao tema das cores, qual seja, o sinal ‘—|—’.

O manuscrito 169, iniciado em 1949, deve ter sido concluído no primeiro semestre de 1950, sendo o bloco que dele destacamos concomitante ou posterior à redação do MS 173, porquanto ambos os textos aprofundam e refinam um tema e um recurso que aparecem juntos pela primeira vez no MS 172, a saber, a transparência do branco e o recurso a instruções dadas ao pintor para sua representação — recurso com o qual será quebrada a analogia entre as cores.<sup>9</sup>

Considerações sobre a datação tornam nada banal nossa incursão empírica, nossa procura de índices, mesmo em se tratando de pensador em nada prisioneiro de um paradigma indiciário. Afinal, a inclusão desse bloco de parágrafos nas *Bemerkungen über die Farben*, como sua quarta parte, justifica-se teoricamente de modo pleno, pois, ao combater a quimera fenomenológica do puro conceito de cor, da representação ideal da cor, conclui a terapia de certos problemas fenomenológicos e o projeto esboçado no texto de Viena (o MS 172), compartilhando com o livro tudo quanto de essencial o caracteriza, isto é, um tratamento detalhado de proposições gramaticais (como “Não há um branco transparente”, “o cinza não pode ser luminoso”, “não há um verde avermelhado”) — proposições situadas entre a lógica e a empiria e que, por isso, sempre se constituíram em autêntico desafio filo-

---

<sup>9</sup> É, nesse sentido, digna de nota a semelhança entre esses parágrafos do MS 169 e a reflexão na terceira parte das anotações sobre as cores, à altura do § 172 e seguintes. Esse dois momentos ligam o § 3 {13} da segunda parte e parágrafos da primeira parte das anotações sobre as cores, a partir do § 17.



sófico, sendo aqui “enorme a tentação de se acreditar em uma fenomenologia, uma coisa intermediária entre ciência e lógica”.<sup>10</sup>

Não podemos apresentar todas as variantes, todos os parágrafos que faltam, mas nosso artigo já tem agora alguma valia ao apresentar, mesmo sumariamente, esse conjunto de parágrafos, vinculando-o às *Bemerkungen über die Farben*, em conformidade com as considerações anteriores:

“—————|—————

(1) Wir malen ein gelbes, grünes, blaues, rotes klar durchsichtiges Glas mit verschiedenen Hintergründen, so daß uns deutlich wird, worin der Augenschein der färbigen Klarheit besteht. Und nun wollen wir nach Analogie jener Fälle das Bild eines weißen klar durchsichtigen Glases malen.

(2) Wir können uns hier physikalisch ausdrücken, obwohl uns das Physikalische nicht interessiert. Es ist ein gutes Bild dessen, was wir beschreiben wollen. – Ein klares gelbes Glas reflektiert kein gelbes Licht in's Auge, also scheint uns das Gelb nicht im Glas lokalisiert. Mattes Schwarz durch gelbes Glas gesehen ist schwarz, Weiß ist gelb. Also muß, nach Analogie, Schwarz durch klares Weiß schwarz erscheinen, Weiß weiß, also ganz so wie durch ein farbloses Glas. – Soll nun Rot weißlich erscheinen? also rosa? Aber wie wird dann ein dunkles Rot, das sich gegen das Schwarze zuneigt, erscheinen? Es sollte ein schwärzliches Rosa, also ein Graurot werden, aber dann dürfte Schwarz nicht schwarz bleiben.

(3) Mit ‘reinem Weiß’ meint man oft die hellste der Farben, mit Schwarz die dunkelste; aber nicht auch mit reinem Gelb, Rot, etc.

<sup>10</sup> Wittgenstein, Ludwig, *Bemerkunge über die Farben*, II, § 13 {3}: “Hier ist die Versuchung sehr groß, an eine Phänomenologie, ein Mittel-ding zwischen Wissenschaft und Logik, zu glauben.”

(4) Weiß durch Gelb gesehen würde nicht gelblichweiß, sondern *Gelb*. Gelb durch Weiß gesehen, soll es weißlichgelb oder Weiß werden? Im ersten Fall wirkt das 'weiße' Glas wie farbloses, im zweiten wie undurchsichtiges.

(5) Ich will also sagen: Der '*reine*' Farbbegriff, den man sich aus unsern gewöhnlichen Farbbegriffen machen möchte, ist eine Chimäre. Es gibt freilich verschiedene Farbbegriffe und unter ihnen solche, die man reiner und unreiner nennen kann.

(6) Statt "Chimäre" hätte ich sagen können "falsche Idealisierung".

Falsche Idealisierungen sind vielleicht die platonischen Ideen.

Wenn es so etwas gibt, dann muß, wer falsch idealisiert, Unsinn reden, – weil er eine Redeweise, die in *einem* Sprachspiel *gilt*, in einem andern, wo sie nicht hingehört, verwendet.

(7) Wenn Typen irgendwo aufgehoben sind, wer sagt, *welche* Typen? – Alle, die sich denken lassen?!

(8) Was ist die ideale *Representation* der Farben? Ist es nicht so etwas, wie durch eine Röhre schauen und einen kleinen roten Kreis (z.B.) sehen? – Und soll ich nun die Farben nach dieser Erfahrung nennen? Gut, aber nun muß ich diese Farbwörter doch auch in ganz anderen Fällen anwenden. Und wie soll ich sie mit den Farben um mich herum vergleichen? Und wie nützlich wird so ein Vergleich sein? – Oder ist die ideale Weise, eine Farbe zu zeigen, das ganze Gesichtsfeld mit ihr zu erfüllen? Wie wenn man den Blick gegen den blauen Himmel richtet? Aber die alte Frage besteht auch hier. Denn vergiß auch nicht, daß Dein Blick schweift und es nicht *die* Beschreibung dessen gibt, was Du siehst.

—————|—————"11

---

<sup>11</sup> "————|———— (1) *Nós pintamos um vidro cristalino transparente amarelo, verde, azul, com diversos fundos, de modo a que nos fique claro em que*

consiste a aparência da cristalinidade colorida. E, então, por analogia com aqueles casos, queremos pintar o quadro de um vidro cristalino transparente branco. (2) Nós podemos nos expressar aqui ao modo da física, embora a física não nos interesse. É uma imagem disso que queremos descrever. — Um vidro cristalino amarelo não reflete no olho nenhuma luz amarela; portanto, o amarelo não nos parece localizado no vidro. Visto através do vidro, um preto baço é preto, o branco é amarelo. Portanto, por analogia, o preto deve, através de um branco cristalino, aparecer preto, um branco branco, logo, de modo idêntico a como aparece através de um vidro incolor. — Deve então o vermelho aparecer esbranquiçado? Logo, rosa? Mas, como aparecerá então um vermelho escuro tendente ao preto? Deve tornar-se um rosa enegrecido; portanto, um vermelho cinzento; mas então o preto não poderia permanecer preto. (3) Com ‘branco puro’ se quer amiúde indicar a mais clara das cores, com preto a mais escura; mas não também com puro amarelo, vermelho, etc. (4) Um branco visto através do amarelo não seria branco amarelado, mas sim amarelo. Deve o amarelo, visto através do branco, tornar-se amarelo esbranquiçado ou branco? No primeiro caso, o vidro ‘branco’ tem o efeito de um incolor; no segundo, de um não-transparente. (5) Eu quero pois afirmar. O ‘puro’ conceito de cor, que se quer extrair de nossos conceitos ordinários, é uma quimera. Há certamente diversos conceitos de cor e, entre eles, os que podem ser chamados de mais puros e de mais impuros. (6) Em vez de “quimera” poderia ter dito “falsa idealização”. Falsas idealizações são talvez as idéias platônicas. Se há algo assim, então deve falar absurdos quem idealiza falsamente, — porque ele emprega um modo de falar que vale em um jogo de linguagem em outro jogo, no qual esse modo de falar não tem lugar. (7) Se tipos estão guardados em algum lugar, quem diz quais tipos? — Todos que podem ser imaginados?! (8) O que é a representação ideal das cores? Não é algo assim como olhar através de um cano e ver (por exemplo) um pequeno círculo vermelho? — E devo então nomear as cores em conformidade com essa experiência? Está bem, mas então eu preciso também empregar essas palavras para cores em casos bastante diversos. E como devo eu compará-las com as cores ao meu redor? E quão útil será uma tal comparação? — Ou seria a maneira ideal de indicar uma cor preencher com ela todo campo visual? Como quando o olhar se dirige contra o céu azul? Mas a velha questão subsiste aqui também. Pois também não esqueça que seu olhar vagueia e não há a descrição disso que você vê. —|—” (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 71, folhas 77 a 80. As palavras sublinhadas indicam a existência de um grifo ondulado)

4. Um erro grave é a ordenação da segunda parte, porque compromete o valor do texto. Sem dúvida, a ordenação original do texto da parte II difere da editada. O texto deve iniciar-se no § {11} até o § {20}, ao que se seguem os §§ {1-10},<sup>12</sup> beneficiando-se em muito sua inteligibilidade. Primeiro, o atual § {1} (que já reproduzimos integralmente) deixa de estar isolado, integrando uma série de situações (fictícias ou não) contrapostas à análise fenomenológica de Goethe, ou seja, apresentam outro modo de constituição da identidade de cor, contra a fixidez conceitual goetheana, sugerida no § 6 {16}: “[/] Die phänomenologische Analyse (wie sie z.B. Goethe wollte) ist eine Begriffsanalyse und kann der Physik weder beistimmen, noch widersprechen.”<sup>13</sup> Por sinal, a preocupação de Wittgenstein com a determinação do conceito de igualdade da cor era tamanha que sobrecarrega de variantes um parágrafo correlato da terceira parte, cuja intensidade vê-se esmaecida pela edição de Anscombe: “[/] Die Schwierigkeiten, die / wir beim Nachdenken über das Wesen der Farben begegnen // man beim Nachdenken über das Wesen der Farben empfindet // (mit denen sich Goethe durch die Farbenlehre auseinandersetzen wollte), / liegen schon darin beschlossen, daß wir nicht / nur einen // einen // Begriff der Farbgleichheit haben, sondern deren mehrere, mit einander verwandte. // liegen schon in der Vielfältigkeit der Aspekte unsres Begriffs der Farbgleichheit. // // liegen schon in der / Vielfältigkeit // Vielgestaltigkeit // der verwandten Begriffe der Farbgleichheit beschlossen. // // liegen schon in der / Vielfältigkeit // Vielges-

---

<sup>12</sup> Colocamos entre chaves a numeração de Anscombe.

<sup>13</sup> “[/] A análise fenomenológica (como Goethe, por exemplo, a queria) é uma análise de conceitos e não pode seja confirmar seja contradizer a física.” (Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 79)

taltigkeit // / des // unsres // Begriffes der Farbengleichheit beschlossen. //”<sup>14</sup>

Desse modo, o § 11 {1} torna-se literalmente central, porquanto contrapõe à determinação da identidade de cor dada *auf der Palette* uma técnica pontilhista, cujo sentido depende da ocorrência cromática e antecipa o enunciado wittgensteiniano do, digamos, “paradoxo de Goethe”, que seria em suma o paradoxo de uma qualquer fenomenologia que incorra na fixação de essências. Goethe não teria escrito para pintores, para os que mais se asse-  
nhoram de distinções no campo visual, pois seus jogos conceituais com cores seriam bem mais limitados, servindo quando muito ao decorador. Por isso, ao procurar discorrer sobre o “caráter” da cor, Goethe deixa paradoxalmente de escrever para quem todavia seria sua autoridade preferencial, fazendo necessariamente má fenomenologia por conta do despropósito de pretender fazê-la – com o que ela se veria privada de seu terreno natural, estando talvez ameaçado, por paradoxal, o projeto de uma qualquer fenomenologia.<sup>15</sup> Condenada em seu fundamento a uma definição

<sup>14</sup> [/] As dificuldades que / encontramos ao refletir sobre a essência das cores // se sente ao refletir sobre a essência das cores // (às quais Goethe quis fazer frente com sua doutrina das cores), / encerram-se já em não termos / apenas um // um // conceito da igualdade cromática, mas sim vários deles, uns aos outros aparentados. // residem já na multiplicidade de aspectos de nosso conceito de igualdade cromática. // // encerram-se já na / multiplicidade // multiformidade // dos conceitos aparentados da igualdade cromática. // // encerram-se já na / multiplicidade // multiformidade // / do // de nosso // conceito de igualdade cromática. // (*Bemerkungen über die Farben*, III, § 251. ‘/’ indica o início de variante apresentada entre ‘//’. Cf. Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol. 75)

<sup>15</sup> O paradoxo de uma fenomenologia logo encontrará no § 53 da primeira parte sua cifra definitiva, em meio porém à sobrevivência de autênticos problemas fenomenológicos. Cf. Moreno, Arley R., “Wittgenstein: Fenomenologia e Problemas Fenomenológicos”.

ostensiva da cor e incapaz de abandonar-se ao aprendizado da cor, no qual os pintores muito têm a ensinar, à fenomenologia escaparia o jogo da ocorrência cromática e sobretudo os jogos outros em nada exteriores ao emprego correto das palavras com que descrevemos nosso campo visual.

Além disso, com a reordenação, novos agrupamentos argumentativos se criam e nenhum é desfeito; por exemplo, os §§ {11}, {12} e {13} (nossos §§ 1, 2 e 3) cumprem então a perfeita função de introduzir uma proposta de tratamento do problema das cores: “1. {11} [/] In der Philosophie muß man immer fragen:” Wie muß man dieses Problem ansehen, daß es lösbar wird? “2. {12} [/] Denn hier (wenn ich die Farben betrachte z.B.) ist da erst nur eine Unfähigkeit / Ordnung in den Begriffen zu machen. // irgend eine Ordnung zu machen. Wir stehen da, wie der Ochs vor der neu gestrichenen Stalltür. 3. {13} [/] Denk daran, wie ein Maler die Durchsicht durch ein rötlich gefärbtes Glas darstellen würde. Es ist ja ein *kompliziertes* Flächenbild, was sich da ergibt. D. h., das Bild wird nebeneinander eine Menge von Abschattungen von Rot und andern Farben enthalten. Und analog, wenn man durch ein blaues Glas sähe. Wie aber, wenn man ein Bild malte, in dem dort, wo früher etwas bläulich oder rötlich wurde, es weißlich wird?”<sup>16</sup> Wittgenstein introduz assim um

---

<sup>16</sup> “1. {11} [/] Na filosofia é preciso sempre perguntar:” Como se pode enxergar este problema de modo a que se torne solúvel? “2. {12} [/] Pois aqui (se considero as cores, por exemplo) há primeiro apenas uma incapacidade / em produzir uma ordem nos conceitos. // em produzir uma ordem qualquer. // Estacamos aí como o boi diante da porta recém-pintada do estábulo. 3. {13} [/] Pense em como um pintor representaria a vista através de um vidro colorado de vermelho. O que se produz aí é decerto uma imagem plana complexa. Isto é, a imagem conterà um grande número de matizes de vermelho e de outras cores. E analogamente, caso se olhe através de um vidro azul. Como então, se se pinta uma imagem em que se torna esbranquiçado o que antes fora azulado ou avermelhado?” (Wittgenstein, Ludwig,

modo inusitado de tratar algumas proposições gramaticais, com o que ameaça a unilateralidade da análise fenomenológica mas também delimita um campo de problemas fenomenológicos, que não são da alçada da física ou da psicologia, pois antes tocam as raízes da própria normalidade. De vários modos, através de exemplos fictícios, elabora outros possíveis critérios para a igualdade cromática, perpassando a multiformidade de usos aparentados. Um critério pontilhista para cor é apenas um exemplo que se contrapõe às cores dadas na paleta (§ 11 {1}). Inventa ainda a possível situação em que cores só se determinariam sob uma luz invisível (§ 7 {17}) ou o caso em que apenas nos apareceriam sob uma luz negra (§ 8 {18}). E esses e outros exemplos servem todos para destacar o aspecto essencial desse campo intermediário entre ciência e lógica (§ 13 {3}).

Finalmente, o § 20 {10} passa também a concluir muito bem o texto, demarcando a natureza conceitual da investigação, pois não se trata na investigação da lógica dos conceitos de cor do confronto de experiências que confirmem ou neguem o acerto da nomeação de uma cor. Caso alguém discorde que o branco apaga diferenças, sendo cego para a relação interna que proíbe um objeto branco de ser cristalino (§§ 12- 19 {2-9}), não está vendo algo que possa contradizer nosso conceito, não está sendo instruído pelo olhar em contraposição a nossa *Farbengeometrie*. Afinal, se não podemos nos entender acerca de proposições que figuram essencialmente em nossas geometrias cromáticas, nossa discordância atinge o território fundamental da concordância dos juízos. “O branco apaga a diferença entre o claro e o escuro, entre a luz e as

---

*The Wittgenstein Papers*, vol 79) Note-se que a expressão entre parênteses no § 2 {12}, “se considero as cores, por exemplo”, teria bem pouco sentido, caso o tema não estivesse sendo introduzido nesse ponto como caso particular de problema filosófico.

sombras” (§ 19 {9}): esta não é senão uma proposição gramatical; “[/] Wer das nicht fände, hätte nicht die entgegengesetzte Erfahrung; sondern wir würden ihn nicht verstehen.” (§ 20 {10})<sup>17</sup>

Teoricamente, portanto, o texto conclui nesse parágrafo, mas nossa proposta de reordenação não se sustenta apenas em considerações teóricas, não depende de algum arbítrio, pelo qual pretenderíamos oferecer ao autor uma ordem melhor, embora não coincidente com a sua. Pelo contrário, há um forte índice empírico de sua correção, sendo ela de todo favorecida pelo que podemos ver no manuscrito, uma vez que apenas e tão-somente após o § 20 {10} há um significativo espaço em branco, índice inequívoco de que o texto acaba nesse ponto. Conforme, portanto, com o que nos é indicado tanto pelo conteúdo dos parágrafos como pela textura dos manuscritos, a segunda parte das anotações sobre as cores deve ser reordenada. E, caso devolvida a sua ordem original, ganha em força e em clareza, tornando-se então um autêntico projeto de análise das proposições gramaticais sobre cores — projeto que será explorado e cumprido nas partes III, IV e I.

E essa mudança que sugerimos em nada conflita com os manuscritos, podendo ser facilmente explicado como a inversão da ordem foi possível. Caso as quatro páginas do manuscrito (de que temos em mãos apenas as fotocópias) estejam em folhas soltas, a mudança na ordem pode obviamente ocorrer com facilidade. Caso porém se trate de uma folha única com quatro páginas, o que deve ter acontecido foi a simples transformação das páginas internas em páginas externas, tendo sido desdobrado o papel almaço e deixado na ordem errada. Uma composição do manuscri-

---

<sup>17</sup> “20. {10} [/] Caso alguém não ache isto, não tem uma experiência contrária à nossa; mas nós não o entenderíamos.” (Wittgenstein, Ludwig, *The Wittgenstein Papers*, vol 79)



to mostra serem possíveis as duas ordenações: a proposta por Anscombe, a saber, página 1 (§ 1 até parte do § 5), página 2 (parte do § 5 até § 10), página 3 (§§ 11-14), página 4 (§§ 15-20); e a ordenação correta, segundo a qual teríamos a seguinte ordem para as páginas 3, 4, 1, 2. Uma ordem se transforma na outra como num passe de mágica. “3, 4, 1, 2” torna-se facilmente “1, 2, 3, 4” e vice-versa. Basta virar e desvirar o papel, mas tudo indica que nossa proposta não é simples prestidigitação, pois com ela estamos literalmente explicando melhor o texto, desdobrando-o, retirando-lhe sim uma prejudicial dobra do acaso.

5. A crítica textual prepara a leitura filosófica e não a substitui. A crítica à edição do texto, à guisa de ecdótica, prepara-lhe pois apenas o terreno, cabendo inclusive à crítica filosófica indicar se há ou não algum ganho teórico na atenção ao mais mínimo detalhe — por exemplo, nessa reordenação e nesse acréscimo de variantes e parágrafos, a que fomos conduzidos pelos manuscritos de Wittgenstein. Entretanto, no caso do *corpus* wittgensteiniano, se projetarmos para o conjunto do material editado a possibilidade mesmo atenuada de erros como os que apontamos, se tivermos em conta o descuido e a ação sistemática de critérios danosos na seleção e edição dos manuscritos do espólio, até a crítica ao rés do chão parece adquirir enorme relevância.

**Abstract:** *The comparison of Wittgenstein's Bemerkungen über die Farben, published by Prof. Anscombe, with the photocopies of the 176, 172 and 173 manuscripts has shown evidence of a damaging absence of paragraphs and variants, mistaken dates and an inaccurate ordering of the paragraphs in the MS 172, which jeopardizes its sense and value. Therefore, we present the fundamentals of our criticism, which certainly produces philosophical consequences, as a clearer connection between the investigation of the logic of the colour concepts and that of the grammar of the expressions “to see” and “to see as”, besides favoring the clarity of the investigation project of phenomenological problems (without a phenomenology), characteristic of the MS 172.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBE, G.E.M., "Editor's Preface", in Wittgenstein, *Remarks on Colour*.
- ANSCOMBE, G.E.M. & Von Wright, G.H., "Vorwort", in Wittgenstein, *Über Gewißheit*.
- MONK, R. (1995). *Wittgenstein: O Dever do Gênio* (São Paulo, Companhia das Letras).
- MORENO, A.R. (1995). "Wittgenstein: Fenomenologia e Problemas Fenomenológicos", in *Manuscrito*, V. XVIII, N.º 2, Campinas, UNICAMP.
- SCHULTE, J. (1987). *Erlebnis und Ausdruck: Wittgensteins Philosophie der Psychologie* (München-Wien, Philosophia).
- VON WRIGHT, G.H. (1986). *Wittgenstein* (Mauvezin, T.E.R.).
- WITTGENSTEIN, L. (s.d.). *The Wittgenstein Papers*, vols. 71, 74, 75, 76b, 77, 78, 79 (Ithaca, Cornell University Libraires).
- . (1977). *Remarks on Colour* (Londres, Basil Blackwell).
- . (1984). *Bemerkungen über die Farben*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8 (Frankfurt, Suhrkamp).
- . *Über Gewißheit*, in Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, vol. 8.
- . *Letzte Schriften über die Philosophie der Psychologie (1949-1951): Das Innere und das Äußere* (Frankfurt am Main, Suhrkamp), 1993.